

Trabalhos Científicos

Título: Transmissão Vertical Do Vírus Da Dengue: Relato De Caso Em Período Neonatal

Autores: HILDENISE SÁRVIA DE SOUSA ALMEIDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI), MARIZA FORTES DE CERQUEIRA PEREIRA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ), ANA LUIZA SIQUEIRA ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ), RAFAELA RABELO DE SOUSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ), WANESSA GOMES LANDIM (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ), ANA FLÁVIA MOURA MONTEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ)

Resumo: Introdução: Em 2024, o Brasil enfrentou uma epidemia de dengue, com elevado número de casos e óbitos. A transmissão vertical do vírus, embora rara, tem sido descrita em gestantes com infecção aguda, podendo resultar em manifestações clínicas graves no período neonatal (1,2). Relatos de casos contribuem para ampliar o conhecimento sobre a dengue congênita e auxiliar na identificação precoce dessa condição (3,4).
Objetivos: Relatar um caso de dengue congênita em recém-nascido, destacando as manifestações clínicas, exames diagnósticos, conduta terapêutica e evolução, além de reforçar a importância de considerar a transmissão vertical como diagnóstico diferencial em áreas endêmicas.
Metodologia:
Resultados: Recém-nascido (RN) a termo, com 38 semanas de idade gestacional, nascido de parto cesáreo devido à condição materna crítica (dengue grave com necessidade de ventilação mecânica). O RN apresentou necessidade de reanimação neonatal com ventilação com pressão positiva e administração de naloxona, sendo encaminhado para unidade de cuidados intermediários neonatal. Evoluiu com apneia no 1º dia de vida, e no 5º dia apresentou distensão abdominal, edema generalizado e petéquias disseminadas. Exames laboratoriais revelaram IgM reagente para dengue (3,9), IgG reagente (2,9), antígeno NS1 positivo (9,6) e culturas negativas, confirmando o diagnóstico de dengue congênita. O manejo incluiu suporte clínico, transfusão de concentrado de hemácias e reposição de albumina, com evolução favorável e resolução do quadro.
Conclusão: A dengue congênita, embora rara, deve ser considerada em recém-nascidos de mães com infecção ativa, principalmente quando há manifestações clínicas compatíveis. O caso relatado reforça a importância da investigação sorológica e evidencia que a transmissão vertical pode cursar com gravidade, exigindo vigilância e manejo adequado em regiões endêmicas (5–7). O relato demonstra a relevância da dengue congênita como diagnóstico diferencial em neonatos sintomáticos. A detecção precoce e o suporte oportuno são essenciais para o bom prognóstico, além de destacar a necessidade de estratégias de saúde pública voltadas também para gestantes e recém-nascidos em áreas endêmicas (1,2,8).